

VAMOS DESCOBRIR A

BIBLIO-

TECA

NACIO-

NAL

DE PORTUGAL



LUÍSA
DUCLA
SOARES

MARIANA
RIO





LUÍS
VAZ DE
CAMÕES

EÇA
DE
QUEIRÓS



Entretanto, mais alguém se aproximou. Era um senhor pequenino, que parecia ter viajado do passado na máquina do tempo: todo vestido de preto, com uma condecoração ao peito. Usava uma cabeleira postiça branca e uns estranhos óculos sem hastes.

— Trabalhei 20 anos na Biblioteca e gostaria de ver os seus progressos.

A guia, que entretanto aparecera, empalideceu.

— Ai, que susto, o senhor parece mesmo um retrato da Sala do Conselho!

— Sou Ribeiro dos Santos, 1.º bibliotecário-mor da Real Biblioteca Pública da Corte, nomeado por sua Majestade a Senhora D. Maria I. Às suas ordens — apresentou-se a estranha personagem, beijando-lhe a mão.

A funcionária acedeu a fazer a visita com os quatro. Pediu-lhes que se sentassem numa sala e começou a contar.



BREVE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

Esta biblioteca tem mais de 200 anos. Começou por se chamar Real Biblioteca Pública da Corte, depois Biblioteca Nacional de Lisboa e agora é Biblioteca Nacional de Portugal. Teve outras instalações, mas o edifício em que nos encontramos foi inaugurado em 1969.

A ideia de fazer uma grande biblioteca era já muito antiga. D. João V e D. José, no século XVIII, gastaram avultadas quantias, comprando obras belíssimas e raras. Havia o sonho de construir de raiz um monumento que guardasse essas preciosidades e permitisse que os estudiosos as consultassem. Estávamos na época do Iluminismo e a importância da cultura era cada vez mais reconhecida.

Anteriormente, existiam algumas bibliotecas religiosas que facilitavam a leitura pública, o que não bastava. Mas o projeto não se realizou porque aconteceu uma grande desgraça.

— O terramoto! O terramoto! — exclamou o japonês.

— Tantos livros destruídos debaixo dos escombros, queimados, inundados...





1837

1837-1969



— Em breve se verificou que os livros já não cabiam todos naquelas instalações. Era necessário um espaço amplo para os volumes que existiam mais os que iam chegando. Em 1837, como não havia dinheiro para novas construções, optou-se pelo Convento de S. Francisco da Cidade, enorme e abandonado, onde se instalaram também a Faculdade de Belas Artes e outros organismos. Era lá que se depositavam todos os livros e quadros vindos das ordens religiosas extintas, transportados em carroças ou barcos à vela, como foi o caso da Livraria do Mosteiro de Alcobaça, que embarcou em Peniche.

Das 183 000 obras que vieram então dos conventos muitas venderam-se a peso porque estavam roídas ou estragadas, leilouaram-se outras. Um pequeno número foi distribuído por várias bibliotecas ou trocado. Mas a maioria veio engrandecer o núcleo já existente.

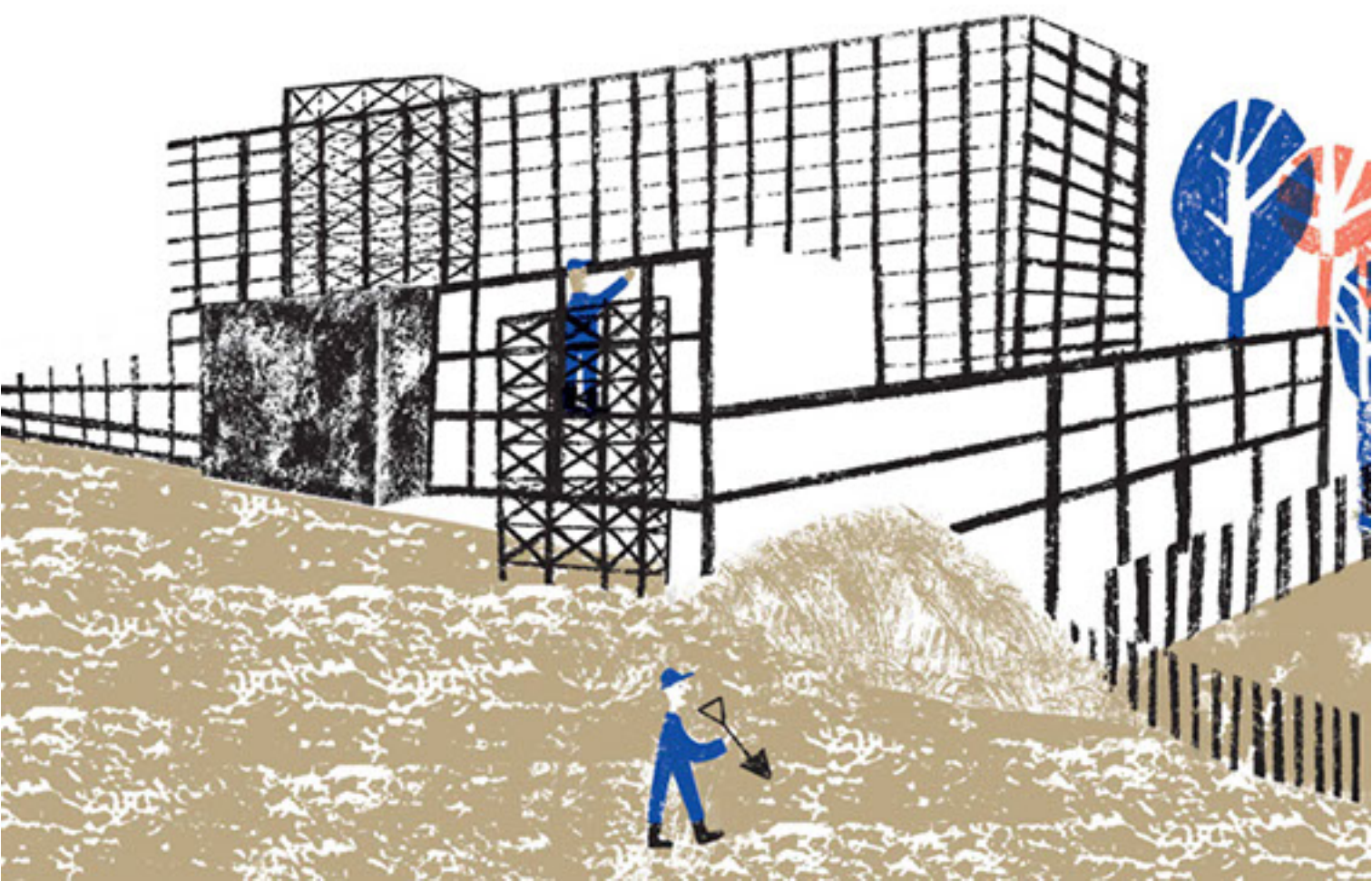
Afinal, aquele espaço também não era minimamente adequado; velho, degradado, húmido, atraía bicharada indesejável. Na sala de leitura os leitores ficavam tão mal instalados que um dos diretores até pensou pô-los a ler na igreja!

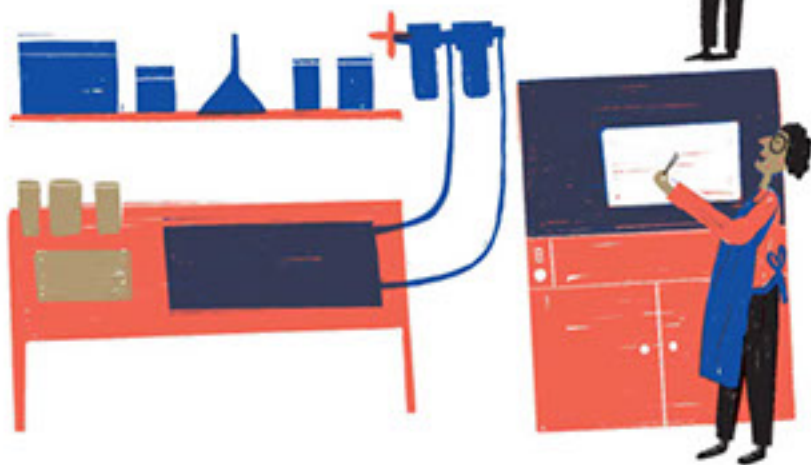
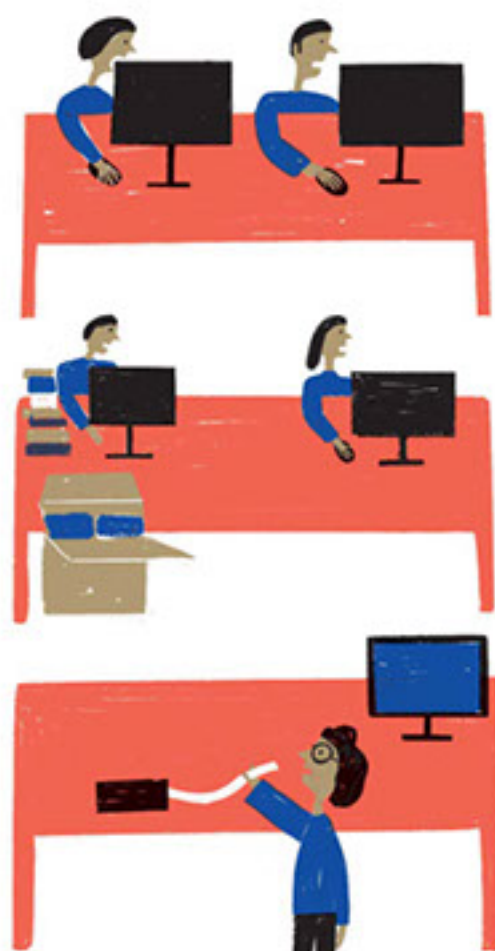
— Que triste sorte, a da Biblioteca Nacional! — suspirou o Doutor Ribeiro dos Santos.



— Só é pena nós, os mais novos, não podermos consultar essa memória — lamentou o João.
— Depois dizem que temos falta de memória... Eu, por exemplo, até queria ler as primeiras revistas aos quadrinhos!
— O pior era se te punhas a pintar os bonecos, como é tua mania! — troçou a amiga.
Todos se riram. Mas a guia é que não achou graça e contou que, a seguir à República se procurou fazer da Biblioteca Nacional uma biblioteca popular, para onde se iam ler romances cor de rosa, folhetos e até havia uma sala infantil!
— Pobre memória nacional! Devia gastar-se bem depressa — atalhou o japonês. — Para tal, por esse mundo fora, existem as bibliotecas escolares, as municipais, as itinerantes.
A funcionária acenou com a cabeça pois também cá não faltam, e aproveitou logo para aconselhar os jovens a procurem essas bibliotecas onde até podiam requisitar livros para lerem em casa.







SALA DE LEITURA GERAL

A sala era lindíssima, com os seus 224 lugares e a tapeçaria de Guilherme Camarinha, ao fundo, representando as várias fases da produção da *Leitura Nova* de D. Manuel I.

À esquerda, estendia-se uma ampla varanda com cadeirões de verga, que dava para um roseiral. — Que maravilha! Que perfume! Que claridade! — exclamou a Joana.

Mas o Doutor estava mais interessado na forma como os livros e jornais chegavam à sala.



EM QUE REINADO FOI FUNDADA
A BIBLIOTECA NACIONAL?



1 D. AFONSO HENRIQUES



2 D. MARIA I



3 D. MANUEL II

QUE TIPO DE DOCUMENTOS
EXISTEM NOS RESERVADOS?



1 OBRAS RARAS E VALIOSAS



2 DOCUMENTOS IMPRÓPRIOS PARA MENORES

A PARTIR DE QUE IDADE SE PODE
TIRAR O CARTÃO DE LEITOR?



1 8 ANOS

2 18 ANOS

3 25 ANOS

COMO SE CHAMA A MAIS FAMOSA OBRA DA
BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL,
MANDADA COMPRAR POR RIBEIRO DOS SANTOS?
Preenche os espaços em baixo.



VAMOS DESCOBRIR A BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Texto: ©Luísa Ducla Soares
Ilustrações: ©Mariana Rio
Direção de arte: Pato Lógico
Design e paginação: Pato Lógico
Revisão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Impressão e acabamentos: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
1.ª edição em março de 2019
ISBN: 978-972-27-2730-3
Depósito legal: 445855/18
N.º de edição: 1022906

Imprensa Nacional é a marca editorial da **INCM**.
www.incm.pt
prelo.incm.pt
www.facebook.com/imprensanacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Este livro foi impresso em:
Munken Print White 150g (miolo)
Symbol Freeliffe E/E49 Country, Premium White 250g (capa)





SABES ONDE FICA A BIBLIOTECA NACIONAL
DE PORTUGAL E POR QUANTAS CASAS PASSOU?

QUE TESOUROS GUARDA?

QUANTOS LIVROS HÁ NA TORRE DO DEPÓSITO?

SABES QUAL É O LIVRO MAIS FAMOSO?

E O MAIS ANTIGO?

E QUAL É O MAIOR? E O MAIS PEQUENO?

